

LIÇÃO 5 - A Contrariedade É a Maior e Perfeita Diferença

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 4: 1055a 3-1055a 33

“ 842. Mas, uma vez que é possível que coisas que diferem umas das outras difiram em maior ou menor grau, há uma diferença máxima.

843. E chamo essa diferença de contrariedade. Que esta é a maior diferença fica claro por indução; pois as coisas que diferem genericamente não podem passar umas para as outras, mas estão muito distantes e não podem ser comparadas; e aquelas que diferem especificamente surgem de contrários como seus extremos. Mas a distância entre os extremos é a maior; portanto, a distância entre contrários é a maior.

844. Ora, o que é máximo em cada classe é perfeito (ou completo); pois é máximo aquilo que nada excede, e é perfeito aquilo além do qual é impossível encontrar qualquer outra coisa; pois a diferença perfeita é um fim, assim como outras coisas são ditas perfeitas porque atingiram seu fim. Pois não há nada além do fim, já que em todo caso ele é o que é último e contém tudo o mais. Não há nada além do fim, então, e o que é perfeito não necessita de mais nada. Portanto, fica claro a partir dessas observações que a contrariedade é a diferença perfeita ou completa. E, como as coisas são ditas contrárias de muitas maneiras, segue-se que a diferença pertencerá aos contrários perfeitamente na proporção dos diferentes tipos de contrariedade.

845. Sendo assim, é evidente que uma coisa não pode ter muitos contrários; pois não pode haver nada mais extremo do que o extremo (já que, se houvesse, seria o extremo); nem pode haver mais de dois extremos para uma distância.

846. E, em geral, isso é evidente se a contrariedade é diferença, e a diferença deve ser entre duas coisas. Logo, isso também será verdadeiro para a diferença perfeita.

847. E as outras formulações de contrários também devem ser verdadeiras. Pois a diferença perfeita é a maior, já que, no caso de coisas que diferem genericamente, é impossível encontrar qualquer diferença maior do que

naquelas que diferem especificamente; pois foi mostrado (843) que não há diferença entre coisas de um gênero e aquelas fora dele, e para aquelas especificamente diferentes, a diferença perfeita é a maior. E contrários são coisas que pertencem ao mesmo gênero e têm a maior diferença; pois a diferença perfeita é a maior diferença entre elas. E contrários são coisas que têm a maior diferença no mesmo sujeito; pois contrários têm a mesma matéria. E contrários são coisas que estão sob a mesma potência e têm a maior diferença; pois há uma ciência para uma classe de coisas, e nessas a diferença perfeita é a maior.

COMENTÁRIO

2023. Tendo resolvido a questão sobre o uno e o múltiplo, e sobre os atributos que naturalmente os acompanham, dos quais um é a contrariedade, que é um tipo de diferença, como foi apontado (840:C 2021), aqui o Filósofo explica a contrariedade, porque a investigação dela envolve uma dificuldade especial. Isso se divide em duas partes. Na primeira (842:C 2023), ele mostra que a contrariedade é a maior diferença. Na segunda (887:C 2112), ele inquire se os contrários diferem genericamente ou especificamente ("Aquilo que é").

A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele resolve a questão sobre os contrários. Na segunda (878:C 2097), ele trata de seus intermediários ("E desde que").

A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele resolve a questão sobre a natureza dos contrários. Na segunda (857:C 2059), ele levanta certas dificuldades sobre os pontos que foram estabelecidos ("Mas desde que uma coisa").

A primeira parte se divide em duas. Na primeira, ele mostra o que é a contrariedade. Na segunda (848:C 2036), ele estabelece o que é verdadeiro sobre a contrariedade em comparação com os outros tipos de oposição ("A contrariedade primária").

Ao tratar a primeira parte, ele faz duas coisas. Primeiro, dá uma definição de contrariedade. Segundo (847:C 2032), ele reduz todas as outras definições que foram atribuídas aos contrários àquela dada ("E as outras").

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, dá a definição de contrariedade. Segundo (844:C 2027), ele tira uma conclusão dessa definição ("Ora, o que").

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro (842), mostra que existe uma maior diferença, como se segue: há algum máximo em todas as coisas que admitem grau de diferença, já que um regresso infinito é impossível. Mas é possível que uma coisa difira de outra em maior ou menor grau. Logo, também é possível que duas coisas difiram entre si no maior grau; e, portanto, existe uma maior diferença.

Contrário

2024. E chamo essa (843).

Em segundo lugar, ele mostra, por indução, que a contrariedade é a maior diferença; pois todas as coisas que diferem devem diferir ou genericamente ou especificamente.

Ora, as coisas que diferem genericamente não podem ser comparadas entre si, por estarem muito distantes para admitir qualquer diferença de grau entre elas. Entende-se que isso se aplica às coisas que se transformam umas nas outras, porque um certo processo ou modo de mudança de uma coisa em outra é compreendido a partir do fato de que, no início, elas diferem mais e, depois, menos, e assim por diante, até que uma se transforme na outra. Mas, no caso das coisas que diferem genericamente, não encontramos tal passagem de uma coisa para outra. Portanto, tais coisas não podem ser consideradas como diferindo em grau e, assim, não podem diferir no grau máximo. Logo, nas coisas que diferem genericamente, não há a maior diferença.

2025. No entanto, no caso das coisas que diferem especificamente, deve haver a maior diferença entre os contrários, porque: "processos recíprocos de geração surgem dos contrários como seus extremos. E um intermediário surge de um extremo ou vice-versa, ou um intermediário também surge de outro intermediário, como o cinza é produzido a partir do preto ou do vermelho. Contudo, gerações desse tipo não surgem de duas coisas como extremos; pois, quando algo passa do preto ao cinza no processo de geração, ainda pode passar adiante para alguma cor que difira em maior grau. Mas, quando já se tornou branco, não pode continuar adiante para qualquer cor que difira em maior grau do preto, e ali deve parar como em seu estado extremo. É por isso que ele diz que os processos de geração surgem dos contrários como extremos. Mas é evidente que a distância entre os extremos é sempre a maior. Portanto, segue-se que os contrários têm a maior diferença entre as coisas que diferem especificamente."

2026. E, uma vez que mostramos que as coisas que diferem genericamente não são ditas ter a maior diferença, embora exista uma maior diferença, segue-se que a contrariedade nada mais é do que a maior diferença.

2027. Ora, o que é máximo (844).

Ele extrai dois corolários do que foi dito. O primeiro é que a contrariedade é a diferença perfeita. Isso é provado da seguinte forma. O que é máximo em qualquer classe é o mesmo que o perfeito. Isso fica claro pelo fato de que aquilo é máximo que nada excede; e aquilo é perfeito ao qual nada pode ser acrescentado. Portanto, a diferença do máximo e a do perfeito [a partir de um referente comum] são vistas como a mesma coisa.

2028. Que aquilo é perfeito ao qual nada externo pode ser acrescentado é evidente, porque todas as coisas são ditas perfeitas quando chegam ao fim. Ora, não há nada além do fim, porque o fim é o que é último em todos os casos e contém a coisa. Portanto, nada está além do fim, nem o que é perfeito precisa de algo externo, mas o todo está contido sob sua própria perfeição. Assim, é evidente que a diferença perfeita é aquela que chega ao fim.

2029. Portanto, uma vez que a contrariedade é a maior diferença, como já foi provado (843:C 2024), segue-se que ela é a diferença perfeita. Mas, como as coisas são ditas contrárias de muitas maneiras, conforme será dito mais adiante (849:C 2039), nem todos os contrários são ditos diferir

perfeitamente; mas segue-se que todos os contrários diferem perfeitamente da maneira como a contrariedade lhes pertence, isto é, a alguns primariamente e a outros secundariamente.

2030. Sendo assim (845).

Aqui ele apresenta o segundo corolário. Diz que, sendo as observações anteriores verdadeiras, é evidente que uma coisa não pode ter muitos contrários. Ele prova isso de duas maneiras. Primeiro, com base no fato de que a contrariedade é a maior e perfeita diferença entre extremos. Ora, não pode haver mais de dois extremos para uma única distância; pois vemos que uma linha reta tem dois pontos finais. Além disso, não há nada além do extremo. Se, então, a contrariedade é uma distância, é impossível que duas coisas sejam igualmente opostas como extremos a um contrário, ou que uma seja mais contrária e outra menos, porque o que é menos contrário não será um extremo, mas terá algo além dele.

2031. E, em geral (846).

Agora ele prova a mesma coisa de outra maneira. Diz que, como a contrariedade é um tipo de diferença, e toda diferença é uma diferença entre duas coisas, então a diferença perfeita também deve ser uma diferença entre duas coisas. Assim, uma coisa tem apenas um contrário.

2032. E o outro (847).

Em seguida, mostra que todas as definições de contrários que foram dadas são vistas como verdadeiras com base na definição de contrariedade proposta acima (842:C 2023). Ele apresenta "quatro formulações", isto é, definições de contrários atribuídas por outros pensadores. A primeira é que contrários são coisas que têm a maior diferença. Ora, isso é visto como verdadeiro com base na definição anterior, uma vez que a contrariedade é a diferença perfeita, e isso faz com que as coisas difiram ao máximo. Pois é evidente, a partir do que foi dito, que no caso das coisas que diferem genericamente, nada pode ser encontrado que difira mais do que as coisas que diferem especificamente, porque não há diferença quanto àquelas coisas que estão fora do gênero, como foi afirmado. E, das coisas que diferem especificamente, a maior diferença está entre os contrários. Portanto, segue-se que os contrários são as coisas que mais diferem.

2033. A segunda definição é que contrários são atributos que diferem no mais alto grau no mesmo gênero. Isso também é visto como verdadeiro com base na definição anterior, porque a contrariedade é a diferença perfeita. Mas a maior diferença entre coisas que pertencem ao mesmo gênero é a diferença perfeita. Logo, segue-se que contrários são atributos que têm a maior diferença no mesmo gênero.

2034. A terceira definição é que contrários são atributos que apresentam a maior diferença no mesmo sujeito. Isso também se mostra verdadeiro com base na definição anterior; pois os contrários possuem a mesma matéria, uma vez que são gerados um a partir do outro.

2035. A quarta definição é que contrários são atributos que apresentam a maior diferença "sob a mesma potência", i.e., a mesma arte ou ciência; pois a ciência é uma potência racional, como foi dito no Livro IX (746:C 1789). Essa definição também se mostra verdadeira com base na definição anterior, porque existe uma única ciência de uma única classe de coisas. Portanto, já que os contrários pertencem ao mesmo gênero, eles devem estar sob a mesma potência ou ciência. E,

sendo a contrariedade a diferença perfeita no mesmo gênero, os contrários devem ter a maior diferença entre aquelas coisas que estão sob a mesma ciência.

Revision #2

Created 17 September 2026 23:40:39 by Admin

Updated 17 September 2026 23:54:42 by Admin